

Isabelle Favre

Tradução de Tania Mara Antonietti Lopes

ELIE STEPHENSON: PALAVRAS DE FOGO PARA UM “PAÍS” CHAMADO GUIANA*

Resumo

Este texto é uma tradução do artigo “Elie Stephenson: paroles de feu pour un “pays” nommé Guyane”, de Isabelle Favre, publicado no French Forum, Volume 29, Number 2, *Spring* 2004, pp.107-126. Nele, a autora apresenta Elie Stephenson, um dos principais poetas da Guiana, cuja atuação se mostra importante para o processo de identidade desse Departamento Ultramarino (DOM na sigla francesa). Por meio de poemas que expressam a história da formação da Guiana como “país”, chamando atenção para a sua condição de país colonizado, o objetivo de Elie Stephenson é convocar seus conterrâneos para um maior engajamento: não deixar no esquecimento a história de escravização, muitas vezes esquecida pela historiografia oficial. As coleções de Stephenson apresentam poemas em que o principal tema é o sofrimento e a ânsia por liberdade do povo escravizado, através de imagens que valorizam a figura do fogo. Nesse sentido, a tradução dos poemas privilegiou antes o conteúdo do que a forma, uma vez que o objetivo da tradutora contemplou o sentido do texto.

Palavras-chave: Poema; Escravidão; Identidade; Tradução.

* Texto original publicado na University of Pennsylvania Press. DOI: <https://doi.org/10.1353/frf.2004.0046>

<https://muse.jhu.edu/article/175086>

Agradecemos à Isabelle Favre pela gentileza de nos ceder os direitos de tradução.

ELIE STEPHENSON: PALABRAS DE FUEGO PARA UN “PAÍS” LLAMADO GUYANA

Résumé

Ce texte est une traduction de l'article « Elie Stephenson : paroles de feu pour un “pays” nommé Guyane », par Isabelle Favre, publié dans le French Forum, Volume 29, Number 2, *Spring* 2004, pp.107-126. L'auteur y présente Elie Stephenson, l'un des principaux poètes de Guyane, dont l'interprétation s'avère importante pour le processus identitaire de ce Département d'Outre-Mer (DOM). À travers des poèmes qui expriment l'histoire de la formation de la Guyane en tant que « pays », attirant l'attention sur sa condition de pays colonisé, l'objectif d'Elie Stephenson est d'appeler ses compatriotes à un plus grand engagement : ne pas oublier l'histoire de l'esclavage, souvent ignorée par l'historiographie officielle. Les recueils de Stephenson présentent des poèmes dont le thème principal est la souffrance et le désir de liberté des esclaves, à travers des images qui valorisent la figure du feu. En ce sens, la traduction des poèmes privilège le contenu plutôt que la forme, puisque l'objectif du traducteur considère le sens du texte.

Mots-clés: Poèmes; l'Esclavage; l'Identité; Traduction.

ELIE STEPHENSON: WORDS OF FIRE FOR A “COUNTRY” CALLED GUIANA

Abstract

This text is a translation of the article “Elie Stephenson: paroles de feu pour un “pays” nomme Guyane”, by Isabelle Favre, published in the French Forum, Volume 29, Number 2, Spring 2004, pp.107-126. In it, the author introduces Elie Stephenson, one of the main poets of Guyana, whose performance is shown to be important for the process of identity of this Overseas Department (DOM in the French acronym). Through poems that express the history of the formation of Guyana as a “country”, drawing attention to its condition as a colonized country, Elie Stephenson's objective is to summon his countrymen to a greater engagement: not to forget the history of enslavement, often overlooked by official historiography. Stephenson's collections present poems in which the main theme is the suffering and yearning for freedom of the enslaved people, through images that value the figure of fire. In this sense, the translation of the poems favored the content rather than the form, since the translator's objective contemplated the meaning of the text.

Keywords: Poem; Slavery; Identity; Translation.

ELIE STEPHENSON: PALABRAS DE FUEGO PARA UN “PAÍS” LLAMADO GUYANA

Resumen

Este texto es una traducción del artículo “Elie Stephenson: paroles de feu pour un “pays” nomme Guyane”, de Isabelle Favre, publicado en el French Forum, Volume 29, Number 2, *Spring* 2004, pp.107-126. En él, el autor presenta a Elie Stephenson, uno de los principales poetas de Guyana, cuya actuación se muestra importante para el proceso de identidad de este Departamento de Ultramar (DOM en sus siglas en francés). A través de poemas que expresan la historia de la formación de Guyana como “país”, llamando la atención sobre su condición de país colonizado, el objetivo de Elie Stephenson es convocar a sus compatriotas a un mayor compromiso: no olvidar la historia de la esclavitud, a menudo pasada por alto por la historiografía oficial. Las colecciones de Stephenson presentan poemas en los que el tema principal es el sufrimiento y el anhelo de libertad del pueblo esclavizado, a través de imágenes que valoran la figura del fuego. En este sentido, la traducción de los poemas privilegiaba el contenido más que la forma, ya que el objetivo del traductor contemplaba el significado del texto.

Palabras clave: Poema; Esclavitud, Identidad, Traducción.

INTRODUÇÃO

Elie Stephenson é uma figura proeminente da vida cultural guianense. Sua popularidade na Guiana deve-se ao fato de que sua obra pode ser percebida como uma forma de performance. De fato, embora este ensaio trate de sua poesia, convém mencionar que Stephenson se dirige a um público específico, que ele conhece e pelo qual é conhecido. Ele encontrou esse público primeiramente como ator de teatro, antes de se tornar o autor das peças que seriam encenadas por sua própria equipe. Além disso, a partir de 1970, para completar o contato direto com os guianenses, Stephenson passou a explorar seus talentos fundando, com alguns amigos, o grupo *Les Nèg'marrons*. Como se pode imaginar, através de seus ritmos, o objetivo do grupo era veicular preocupações sociais, políticas e poéticas de seus integrantes. Eles lançaram um disco (45rpm) em homenagem a Léon G. Damas e fizeram apresentações fora das fronteiras guianenses. A evocação de Damas nos conduz ao Stephenson poeta, por vezes considerado o sucessor do grande cantor da negritude. Esse breve perfil do homem revela não somente sua versatilidade artística, mas também uma vontade determinada de fazer coincidir precisamente o trabalho de criação individual com o desenvolvimento de uma construção coletiva.

Stephenson simboliza o escritor comprometido, pois é um homem que se entrega inteiramente aos seus textos. Para ele, palavras e ações fazem parte de uma dialética muito concreta, como ele mesmo afirma:

Escrever [...] significa duas coisas: participar e testemunhar. Participar é tornar-se um só com a vida, a ação coletiva é também ser parte interessada na prática social – em sentido amplo – isto é, no futuro da comunidade. Testemunhar é descrever, questionar e discutir com o grupo ou com a coletividade, mas também tomar posição, afirmando assim o próprio compromisso físico, intelectual e sentimental. (Stephenson, 1996, p.11)

Portanto, trata-se do compromisso do autor até sua presença “física” na Guiana após a formação universi-

tária. Como qualquer indivíduo do Departamento de Ultramar — DOM na sigla francesa — que deseja realizar estudos avançados, Stephenson deixou a Guiana em 1965 para estudar em Paris. Obteve seu doutorado em economia e, dessa vez, contrariando o padrão de *Domien*¹ qualificado, optou por voltar para casa em Caiena, onde lecionaria no Lycée Eboué de 1970 a 1990. Naquele momento, tal escolha expressava uma resistência consciente à política em vigor nos Departamentos de Ultramar. Foi durante esse período que a produção e as exportações dos departamentos ultramarinos franceses caíram em queda livre; essa situação levou a uma impressionante taxa de desemprego local, sendo criados programas² para encorajar *Domiens* a irem para a metrópole. Richard Burton observa, com um toque de ironia, que naquela época, o principal produto de exportação dos departamentos ultramarinos era certamente... os próprios *Domiens*! (Burton, 1995). Mas, em vez de buscar uma carreira profissional lucrativa na França ou na África, Stephenson voltou ao país de origem. Em seguida, ele colocou em cena e em verso uma crítica feroz ao fenômeno do êxodo que, segundo ele, impedia a Guiana de se levantar, colocando muletas confortáveis sob suas axilas.

Além disso, como especifica Biringanine Ndagano em sua introdução à *La nouvelle légende de D'Chimbo* seguida de *Massak*³, um dos objetivos dos *Nèg'maroons* é convocar “o retorno dos guianenses ao país, aludindo a todos aqueles que, após os estudos, preferiram ficar na França ou trabalhar na administração na África [...], sendo esse o tema da canção chamada *Vié frère*.” (Stephenson, 1996, p.13).

O estilo literário de Stephenson é contundente, direto e exaltado. Trata-se de uma escrita passional que pode ser abordada através das várias e poderosas imagens contidas na figura do fogo. Portanto, tentarei demonstrar como as diferentes manifestações desse elemento atuam nos textos. É importante esclarecer, contudo, que este estudo não visará articular nenhuma essência da literatura guianense, juntando-se a isso a atitude crítica expressa por Mireille Rosello sobre a literatura antilhana: “Não é preciso tentar saber o que é literatura

antilhana. É preciso se perguntar o que ela *faz*, a que tende, a que se opõe” (Rosello, 1992, p.28). Também mostrarei como o *fazer* de Stephenson é semelhante à própria raiz da palavra — *faber*, ferreiro —, no sentido de que o poeta-ferreiro trabalha sua matéria com fogo para lhe dar forma e identidade, para nela “fazer alguma coisa”. Em Stephenson, essa coisa é um “país” chamado Guiana.

A matéria com que o poeta trabalha prioritariamente não é outra senão a experiência guianense. Portanto, o autor criará esse “país”, apresentando-o aos seus leitores num estilo com o qual os convoca, em plena luz do dia, a tomar parte na tarefa iniciada pelo poeta na escuridão de sua forja. A participação solicitada se enquadra num tipo de deontologia do conhecimento, uma vez que os textos de Stephenson apontam constantemente para o lado oculto da história — especialmente o da escravidão —, que o autor nos incita a revisar. Portanto, meu comentário será direcionado à inserção à qual esses poemas constantemente nos remetem. Tal inserção se situa principalmente numa abordagem da história e da política guianense, em dados em grande parte desconhecidos do público não-guianense, mas indispensáveis para a leitura de um autor tão firmemente comprometido quanto Stephenson.

SOPRAR NA BRASA

A obra de Stephenson não apenas se dirige a um público específico: ela o interpela, às vezes se aproxima dele rudemente, e acima de tudo, sem complacência. Assim, em *Fogos na savana*:

Meu olhar se desvaneceu
no tam-tam da dor
é a hora em que a lanterna
cintila no riacho
o *zobuá* na cozinha
faz tremer o destino
e canta o tremalho no vento da noite

Fragmentos de argila
fragmentos de tambor
danças loucas à entrada
das trevas rebeldes

a savana
se levanta
à beira de meu sonho
o ponche escorre em grandes fluidos
em minha garganta ressecada
faz bom tempo perto do rio
faz bom tempo na mata
então acendam
os grandes fogos de fumaça
os grandes fogos de savana
os grandes fogos de amizade
está escuro no ódio
está escuro na vala

Meu olhar pisca
para o tam-tam da guerra
o farol reanima
minha respiração comprimida
e fala fala fala
minha fúria de maldito

Fragmentos de argila
fragmentos de tambor
formas sem líder
entregues à vida
esbanjavam o símbolo
e afogavam a impotência
borbulhavam na seiva
e brotavam na terra
encharcadas de suor
de sangue e de lágrimas
eliminam a amargura
amarrem a recusa
faz bom tempo perto do rio
viva libertad
na noite
toda rubra
acendamos os grandes fogos
os grandes fogos de combate
os grandes fogos de amizade
os grandes fogos do amor.

Feux de la savane
Mon regard s'est éteint
au tam-tam de la douleur
c'est l'heure où le fanal
étincelle sur la crique
le zoboïs dans les cuis
fait trembler le destin
et chante le tramail au vent de la nuit

Fragments de gragés
 fragments de tambours
 danses folles à l'entrée
 des ténèbres rebelles
 la savane
 se pavane
 à l'orée de mon rêve
 le punch coule à grands flots
 dans ma gorge asséchée
 il fait bon près du fleuve
 il fait bon dans la brousse
 alors allumez
 les grands feux de boucane
 les grands feux de savane
 les grands feux d'amitié
 il fait noir dans la haine
 il fait noir au charnier

Mon regard fait éclair
 au tam-tam de la guerre
 le fanal réanime
 mon souffle comprimé
 et parle parle parle
 ma fureur de damné

Fragments de gragés
 fragments de tambours
 des formes sans chef
 livrées à la vie
 prodiguaient le symbole
 et noyaient l'impuissance
 bouillonnaient dans la sève
 et germaient sur la terre
 arrosées de sueur
 de sang et de larmes
 sarclez l'amertume
 ligotez le refus
 il fait bon près du fleuve
 viva libertad
 dans la nuit
 toute rouge
 allumons les grands feux
 les grands feux de combat
 les grands feux d'amitié
 les grands feux de l'amour. (Stephenson, 1979,
 p.13-14)

O tom permanece imperativo e transmite um sentimento de urgência.⁴ Essas injunções são direcionadas a um grupo que se identifica por padrão: se o poeta

convoca essa coletividade para “acender”, ele declara implicitamente que a situação presente está “extinta” e, portanto, mascara ou abafa a fumaça, a savana e a amizade. Os dois primeiros termos fazem referência à Guiana rural tradicional que, efetivamente, está desaparecendo gradualmente. Mas com ela está desaparecendo também um valor que une as pessoas por intermédio de um bem comum e de uma visão comum: fazer frutificar a terra. Se um verso inteiro do poema se dedica a apontar que “*il fait noir*” (“está escuro”), isso não pode significar uma pleora expressiva ou o gênero poético visando inteiramente a economia discursiva. Essa observação pretende fornecer informações até então desconhecidas do destinatário, o que implica que essa comunidade está cega ou tão acostumada com a escuridão, que é capaz de viver nela, apesar do ódio que ali reina, bem como dos mortos que estão amontoados ali. Mortos-vivos certamente, que reencontramos desencarnados e presentes ao mesmo tempo em *Idade*:

Idade minha irmã
 pássaros de Ouro
 mangas Rosa e das folhas
 cobertas de orvalho
 Idade minha irmã
 da areia e da lama
 paredes de algodão
 enfeitadas com penas rubras e árvores cantando
 para as estrelas do dia
 Idade minha irmã
 crianças barrigudas
 o umbigo
 em botão de flor
 idade azul das fumaças
 que pairam no céu
 quando assobia o agaman
 há tanta dor
 de dor repetida, acariciada com paixão
 quando assobia o agaman tudo desmorona
 e evapora
 a carne espalha as lágrimas do pensamento
 isso dói, isso dói
 a gente expressa com tristeza.

Idade minha irmã
 de cabeça enrugada
 saias camzas
 shorts calimbés

chuvas de chamas
de sol rindo como espigas
de milho.

Essa idade minha irmã
que embebeda a boca
com grandes golpes de tafia
com altos soluços
e olhos lacrimejantes
Idade minha irmã que já não é da
nossa idade.

L'Âge

L'âge ma soeur
des oiseaux d'Or
des mangues Rosas et des feuilles
moussues aux lèvres de rosée
L'âge ma soeur
du sable et de la vase
des murs de coton
lustrés de plumes rouges et des arbres chantant
aux étoiles du jour

L'âge ma soeur
des enfants à gros ventre
le nombril
en bourgeon de fleurettes
l'âge bleu des fumées
qui planent dans le ciel
quand siffle l'agaman
il y a tant de douleur
de douleur répétée, caressée avec passion
quand siffle l'agaman tout s'écroule
et s'évapore
la chair s'éparpille la pensée se déchire
on a mal, on a mal
on ruisselle de tristesse.

L'âge ma soeur
à la tête crépue
de jupes camzas
des shorts calimbés
de pluies de flammes
de soleil rigolant comme épis
de maïs.

Cet âge ma soeur
qui se saouïe la gueule

à grands coups de tafia
avec des hauts hoquets
et des yeux larmoyants
L'âge ma soeur qui n'est plus
de notre âge. (CDS 25–26)

A voz do poema empresta corpo à idade, ou talvez adote a abordagem oposta que consiste em reduzir esse corpo a uma noção temporal abstrata que passa, mas que não vive. Essa voz quer se desprender daquilo que descreve. Situa-se em outro lugar e, tal como no poema anterior, pretende esclarecer, quando se dirige à “minha irmã”. Há solidariedade, fraternidade, perante “esta idade”, que a voz analisa e descreve para o outro, como que indicando com clareza e sem hesitação que é chegada a hora de passar da fase da autodestruição, vitimização e da falta de articulação que “já não é da nossa idade”. A voz e a irmã estão dentro e fora “desta idade”, uma posição desconfortável que a última linha pretende mudar ao escolher a progressão em vez da regressão. Esse quadro também evoca o desgosto daqueles que optam por continuar deixando para trás “olhos lacrimejantes” com todo o peso do sofrimento e da decadência que carregam dentro deles. A voz revela uma “idade” dependente, fraca, e exorta a irmã a sair da codependência, aceitando entrar numa outra idade, a da independência. Stephenson adota um tom cortante, impiedoso, sempre em busca dos demônios que o obcecaram e que ele castiga com seus traços afiados de coleção em coleção. Como a covardia do indivíduo diante da causa comum, que encontramos em *Jorrar (Jaillissements)*:

Para confundir o insulto
como se teme a faca o sangue o fogo
e a arma
o povo brinca de insônia na encruzilhada
dos álcoois

Pour confondre l'avanie
comme on redoute le couteau le sang le feu
et le fusil
le peuple joue à l'insomnie dans les carrefours
d'alcools (Stephenson, 1984, p.10)⁵

Encontramos o álcool evocando dependência e que nesse poema é portador de má-fé: ele desculpa a ausên-

cia de ação. Se as pessoas dormem, é por causa do álcool, e se dormem, não podem agir. A lógica do alcoólatra se apresenta numa dialética enviesada de causa e efeito, assim como a assistência⁶ que mantém os guianenses num estado de torpor relativamente confortável e justifica o abandono das atividades produtivas. Além disso, se a palavra “encruzilhada” se refere ao panteão vodú, também evoca um lugar onde se escolhe sua direção, seu objetivo, antes de se comprometer. Segundo essa visão, o alcoolismo não é a resposta inevitável a uma situação depressiva, e sim uma escolha deliberada.

Se Stephenson critica a indolência e a falta de engajamento de seus compatriotas, certamente não é por simples alívio poético-catártico. O autor procura, acima de tudo, animar um espaço coletivo que definha numa planície de cinzas: quando suas palavras sopram ou tempestuam, é na esperança de alcançar a brasa que arde sob a cinza aparente. Pois a mensagem do artista engajado tem sempre um destino que transcende ela mesma, o que a distingue, entre outras, da poesia moderna ou pós-moderna. A dureza trabalhada de Stephenson visa, portanto, encontrar a palavra, o timbre, o jato capaz de reacender os fogos aparentemente extintos. Desse modo, é às brasas que ele se dirige, correndo o risco de passar pelo insulto que levanta as cinzas. Além disso, a perspectiva crítica nem sempre emana de uma posição exterior, que às vezes poderia ser sentida como superior, dominante. Em várias passagens, o poeta utiliza o “nós” e confessa encontrar-se em estado de torpor:

Oh nós que dormimos
do sono de um cadáver
funerais também precisam de tumulto
levantem-se os tambouyins!

Oh nous qui dormons
d'un sommeil de cadavre
les funérailles aussi ont besoin de tumulte
debout les tambouyins! (CDS 21)

Em vista de tamanha insistência do autor em combater a letargia, o leitor não guianense não pode deixar de questionar a realidade guianense que desencadeou a verve do poeta. Em que medida a política de departa-

mentalização (que começou em 1946, quando a Guiana se tornou um Departamento Ultramarino) foi capaz de “fazer dormir” a sociedade guianense? Serge Mam Lam Fouck mostra como, no espaço de duas décadas, a administração francesa se estabeleceu na Guiana durante um processo que pode ser qualificado como radical. De acordo com sua análise, a Guiana mudou sem transição para um sistema elaborado, onde o setor terciário absorve, de uma só vez, um impressionante reservatório humano. Na França, esse mesmo setor de serviços se desenvolveu durante todo o período da modernidade. A administração francesa evoluiu paralelamente ao progresso técnico e aos novos modos de comunicação. Mas para os guienenses não houve evolução: eles se viram repentinamente dotados de um pesado sistema administrativo ao qual tiveram que se adaptar em poucos anos. A mudança do modo de vida e do equilíbrio social do guienenses é percebida como uma intromissão maciça do antigo colonizador que, disfarçadamente, continua impedindo que esse país — transformado em departamento — se desenvolva segundo um modelo que lhe seria próprio. Os números citados por Mam Lam Fouck são eloquentes: “Na década de 1950-1960, os vencimentos e salários pagos pelas administrações públicas e empresas representam de 70% a 80% da folha de pagamento do departamento”. (Mam Lam Fouck, 1992, p.147)

A intensidade da verve de Stephenson é, portanto, apenas igual ao gigantismo do adversário que ele desafia. Se a literatura engajada possui um aspecto objetivo e mesmo concreto, uma vez que o “fazer” literário de que falava Mireille Rosello se situa no próprio seio de um espaço visível e tangível que se inscreve no domínio público, no entanto, Stephenson lhe acrescenta um forte elemento de abstração. Essa abstração é a criação de um país que não existe: um país chamado Guiana.

UMA LITERATURA “DE PAÍS”

Um rápido olhar na bibliografia de Elie Stephenson faz com que imediatamente percebamos as palavras “terra” e “país”: *Terras misturadas (Terres mêlées)*, *Uma flecha para o país em leilão (Une flèche pour le pays à l'encan)*,

Um país de nada (*Un rien de pays*), sem mencionar os numerosos títulos de poemas em que se encontram essas duas palavras. Quando a palavra “país” é tomada no sentido próprio, ela se refere à imagem da nação. Mas, como vimos, a Guiana não é uma nação, nem mesmo um estado, mas um departamento francês dito “Ultramarino”. Portanto, a realidade política não corresponde à realidade poética, e esse é de fato um componente importante do “querer dizer” do autor, que não se pode ignorar, uma vez que seus textos forjam um verdadeiro país literário, uma entidade original e não assimilável, seja à França ou às Antilhas.

Se o aspecto físico que delimita uma nação permanece como um dado arbitrário, as linhas fronteiriças, muitas vezes, são apenas uma separação topográfica bastante abstrata, seu componente cultural corresponde efetivamente a uma lenta construção coletiva. Uma nação possui uma memória coletiva, tem seus heróis, seus momentos de glória, seus símbolos, seus próprios rituais, seu imaginário popular, muitos elementos culturais que fazem desse espaço uma entidade coletiva unida, distinta de qualquer outra. No decorrer de sua obra, Stephenson junta meticulosamente os diferentes elementos necessários à construção de uma personalidade principal coerente, que tem por nome Guiana. Mesmo que isso signifique passar por escavações, como ilustra o poeta em sua coletânea intitulada *Como gotas de sangue* (*Comme des gouttes de sang*): “Amo esse povo e esse país com um coração arqueológico” (Stephenson, 1988, p.13).⁷

A evocação da memória guianense passa pela escravização, assunto para o qual o nosso autor dá um lugar de destaque, tanto em sua poesia quanto em seu teatro. A escravização continua sendo o grande problema, não somente dos textos históricos da nação francesa, mas também nos descendentes de escravizados, ao passo que isso constitui a própria base de estar no mundo da cultura guianense:

Um Homem virá
apenas um!
para ter — ó meu povo —
da História uma virgula.

Viendra-t-il un Homme
un seul!
pour avoir—ô mon peuple—
de l’Histoire une virgule. (CDGS 15)

Num primeiro momento, o fogo das palavras de Stephenson ilumina a poesia da própria Guiana porque, diga-se de passagem, ela também padece de inexistência no mundo das letras. Biringanine Ndagano e Monique Blerald-Ndagano observam judiciosamente o quanto a especificidade literária guianense se vê comumente absorvida pela terminologia genérica “antilho-guianense”. Os autores apontam a inadequação do amálgama dessas duas denominações:

Elas englobam duas entidades geograficamente distantes: as Antilhas no Caribe de um lado, e a Guiana no grande continente sul-americano de outro. Essas duas entidades não têm necessariamente o mesmo itinerário histórico, nem as mesmas aspirações, nem as mesmas realidades geográficas, menos ainda a mesma “maturidade” (ou desenvolvimento) econômico, social, literário, demográfico [...]. (Ndagano e Blerald-Ndagano, 1996, p.7)

Do meu ponto de vista, essa não diferenciação literária não é, de forma alguma, aleatória: ela apenas confirma a ligação entre o isolamento socioeconômico e o isolamento cultural. Desse isolamento decorre um mal-entendido contextual que pode dar à prosa de Stephenson um aspecto hermético, pois um escritor engajado se compromete precisamente *com* alguma coisa; assim como o ferreiro, ele está próximo de sua matéria e, é preciso admitir, essa matéria permanece desconhecida pela maior parte de seus leitores estrangeiros. Quando o poeta evoca a escravização, não se trata de uma noção global, mas de um discurso “de arqueólogo”, o discurso de um poeta perseguidor que convida o leitor a se engajar também, não na “escravização”, mas na especificidade da experiência de um povo e de um lugar aos quais seus textos se referem muito claramente.

Convém, portanto, identificar mais de perto a matéria-prima do poeta: quais eram as características da escravização na Guiana? De início, dois pontos se impõem: a

fragilidade do contingente de escravizados e um “país” hostil aos colonos. De fato, seu contingente de escravizados sendo muito menor, a Guiana nunca conheceu a expansão açucareira das Antilhas. O urucum era a cultura mais desenvolvida das plantações guianenses. Descoberta pelos ameríndios, essa planta era exportada sob forma de pasta na Europa, onde era utilizada como corante. O cacau, o algodão e o café eram igualmente cultivados, mas em proporções que demandavam um número de escravizados relativamente pouco elevado. O problema insolúvel do assentamento de escravizados na Guiana permanece um assunto pouco debatido no quadro da história das colônias. A falência de uma colônia que queriam fazer prosperar provém também de uma resistência surgida da geografia guianense, em nada comparável às outras colônias francesas. Os agentes do tráfico e os colonos foram, portanto, forçados a reconhecer que essa terra lhes resistia, que eles não chegariam a dominá-la, povoá-la e explorá-la segundo seu desejo. A Guiana é igualmente descentralizada, situando-se fora dos trajetos “lógicos” do tráfico; aliás, essa imensa região equatorial vizinha do Brasil não é acessível ao homem branco. Tudo lhe resiste em tal ambiente: o clima, a vegetação, os pântanos, os labirintos de veios d’água, a complexidade dos deslocamentos em grupo etc. Portanto, é impossível transformar os habitantes do lugar — no caso, os ameríndios — em escravizados produtivos, como aconteceu nas Antilhas.

Como Serge Mam Lam Fouck especifica, se os franceses não escravizaram os povos ameríndios, não foi por qualquer impulso humanitário, mas por falta de controle sobre um território que eles nunca conquistaram de fato: “Na Guiana, o colonizador não teve outra escolha além da coexistência pacífica. Assim se explica o tratamento particular que ele reserva aos ameríndios no decorrer dos dois primeiros séculos da colonização” (Lam Fouck, 1996, p.40).

Quanto à História, como interpretar a indiferença de que a acusa o poeta? O H maiúsculo da história evoca avidamente a história oficial que, no entanto, inclui a história da escravização na Guiana. Tal afirmação, portanto, novamente se refere a dados periféricos ou

contextuais sobre esse DOM: portanto, de qual silêncio histórico Stephenson fala? Nota-se ainda que o “Homem” ignorado pela “História” também se encontra com um grande H no texto. Assim, esse paralelo tipográfico estabelece, uma igualdade: o homem guianense é digno da história francesa, apesar do aparente desdém que ela mostra a ele. Desse modo, duas realidades maiúsculas se confrontam nessa poesia: a realidade histórica e a realidade dos homens. Stephenson chama nossa atenção para a dimensão humana da história: quem a escreve e quem nela está representado? Pergunta aparentemente ingênua; porém, levando a questão um pouco mais longe, encontra-se uma situação mais complexa: agora que os guianenses como Stephenson têm o direito de falar, finalmente descobriremos a verdadeira face da escravização guianense. Sabemos, de fato, que alguns escravizados eram alfabetizados. Por isso, é mais do que provável que tenham sido escritos textos, testemunhos, histórias e lendas retiradas da oralidade ou imaginadas. E ainda... como aponta Serge Mam Lam Fouck em *Histoire générale de la Guyane française*, não conhecemos praticamente nada do cotidiano pessoal dos escravizados guianenses: quais foram seus sonhos? sua(s) religião(ões)? seus rituais privados? sua hierarquia no trabalho, em casa? De onde vem esse mutismo, essa ausência de histórias, de fábulas, de contos, de depoimentos? A história maiúscula e o homem guianense com um grande H — como reabilita o poeta — poderiam compartilhar uma propensão ao mutismo diante da condição de escravizado na Guiana, mas por razões muito diferentes: nos guianenses, talvez signifique um mecanismo de defesa psicológica, e nos franceses, uma manipulação hábil que substitui a figura do opressor pela do libertador.

Uma explicação possível do silêncio dos primeiros guianenses alfabetizados diante da escravização, da qual foram testemunhas, pode se encontrar no estabelecimento de um modo de reação psicológica que tende a reprimir episódios cuja evocação suscita uma dor incontrolável. Esses mecanismos de defesa mental foram observados, muitas vezes, em sobreviventes de guerra e atrocidades de todos os tipos. Tal silêncio persiste por gerações; torna-se comparável a um segredo

familiar de cujos contornos apenas se suspeita e de que nunca se questiona, como se uma espécie de tabu o envolvesse. A lembrança da escravização dos ancestrais é reprimida como um defeito familiar ou coletivo; a memória permanece internalizada, como uma sombra vergonhosa e humilhante que deve permanecer na escuridão. Esse fenômeno de internalização culpável de pertencimento a um grupo oprimido e desrespeitado decorre diretamente da história que se seguiu, ou seja, do fim da escravização dos povos colonizados, termo mais adequado do que “libertação”, pois durante várias gerações, a consciência dos descendentes de escravizados guianenses ficou prisioneira de uma “culpa” que não era deles.

Como e em que condições ocorreu essa saída da escravização? Além do abandono que constituía um público e exemplar perigo de morte, a única maneira possível de escapar da condição de escravizado era ser “promovido” a liberto. No entanto, constata-se que o sistema de emancipação funcionou perfeitamente como um agente de emulação de sentimentos racistas. O mestiço, que tinha mais chances de obter a emancipação, ocupava-se com toda a sua engenhosidade em reforçar seu autobranqueamento: modificando as manifestações negroides de seu corpo quando isso era possível, adotando o código de vestimenta dos brancos, suas maneiras, seu uso do francês etc. Era o início de uma dinâmica que persistirá por muito tempo:

O branco mantinha à distância o mestiço. Este não queria se aproximar do negro, que por sua vez aspirava se tornar branco ou pelo menos mestiço. Portanto, a cascata de desprezo descia do topo para a base da hierarquia social e racial. Esse racismo colonial deixará uma marca duradoura na sociedade guianense pós-escravagista que, até hoje, conseguiu apenas parcialmente excluí-las das relações entre as pessoas (Idem, p.174).

O poder, a distinção, a finesse, o sucesso, a inteligência estavam, portanto, associados ao branco e tudo que se desviasse dele desencadearia os julgamentos inversos. Assim se estabeleceu a programação dos sentimentos racistas na psique humana, tanto na Guiana como nas

demais colônias francesas; desnecessário dizer que seu grau de longevidade permanece desconhecido, pois ainda não saímos disso. Em relação aos descendentes de escravizados, o silêncio que envolve esse período pode, portanto, ser interpretado como o resultado da internalização de um sistema de valores racistas, implantado lenta e seguramente durante a colonização. A ferida perdura nos versos de Stephenson, vermelha como fogo e sangue; raramente a ausência brilha tanto:

sou o vermelho vivo
de um século sem imagens.

je suis le rouge vif
d'un siècle sans image. (CDGS 84)

Quanto aos antigos colonizadores, numerosas evidências atestam que a escravização está longe de ser ignorada nos livros e na cultura francesa: conserva-se sua memória através de monumentos, estátuas, nomes de ruas e mesmo festas e celebrações. Tudo isso é real e tangível, mas observamos que a escravização do lado francês só é abordada no que diz respeito à abolição e à libertação. A França, terra da revolução, da liberdade e da igualdade nunca enfrentou seu passado como opressora. Sua atitude foi se fazer passar por uma grande salvadora, evitando mencionar que só em 1848 aboliria um mal pelo qual era claramente responsável. Portanto, não há desculpa nem arrependimento na elaboração do processo de “libertação” empreendido pelos franceses, mas, ao contrário, a exacerbação do nacionalismo francês: com a abolição (1848), foi concedida aos colonizados a cidadania francesa, presente de uma identidade truncada que tende a atrair o outro para si. Significa também um pacto silencioso em que o oprimido aceita se ver assimilado a seu “libertador”. Mam Lam Fouck vê nesse processo a manifestação e o estabelecimento de uma nova ideologia, a da reparação:

A ideologia da reparação exige, portanto, não apenas a libertação das vítimas do “crime de injustiça à humanidade” que foi a escravidão colonial, mas também sua admissão na nação como membros de pleno direito. Os ex-escravizados passaram a ter direito à cidadania: são cidadãos franceses e a França é sua

nova pátria, aquela que vão designar como a “pátria-mãe” ao longo do século seguinte à abolição (Lam Fouck, 1998, p.25).

Como se pode ver, as noções de “país”, “nação” e “pátria” passam a ser portadoras de uma imensa carga emocional, pois estão em relação direta, por um lado, com o desenvolvimento da autoestima individual e coletiva dos guianenses e, por outro lado, com um profundo sentimento de injustiça: uma espécie de ressentimento diante de um Estado que mais parece um estado truncado de fatos, manipulado por uma ideologia eurocêntrica. Somente por volta da década de 1960 a resistência ativa a essa europeização forçada foi finalmente ouvida. É nessa corrente que se insere a obra de Stephenson: sua eloquência incendiária afirma a presença das fogueiras que se acendem na Guiana, ao mesmo tempo que denuncia o obscurantismo com que tentavam manter esse território. O desdobramento poético dessa revolta é particularmente marcante quando se lê a versão integral do poema intitulado *Ponto de ruptura*:

Procure meu traço
fora dos livros e das leis
sou o vermelho vivo
de um século sem imagem
volta para sempre
das ilhas de onde vens
o afresco de teus olhos
é sábio e eu sou Louco

Pela chama pelo grito
cresce a revolta
em vez de amor
(arquipelago da fome, do medo, da vergonha)
eu sou o astro sem líder
do cosmos ordenado

espalha face a face
meu coração em teu rosto
verás refletir
meu duplo destino

Point de rupture

Regarde pour ma trace
hors des Livres et des Lois
je suis le rouge vif
d’un siècle sans image
retourne pour jamais
des îles d’où tu viens
la fresque de tes yeux
est sage et je suis Fou

Par la flamme par le cri
grandisse la révolte
au lieu-dit de l’amour
(archipel de la faim, de la peur, de la honte)
je suis l’astre sans chef
du cosmos ordonné

étale face à face
mon coeur et ton visage
tu verras miroiter
ma double destinée. (CDGS 84)

O FOGO FULGURANTE

Em sua análise psicanalítica do fogo, Gaston Bachelard destaca seu aspecto bélico. O fogo se torna símbolo de determinação, movimento para a frente e desafio. Esse fogo lança linhas, flechas na direção de um inimigo preciso, objeto de sua cólera. A primeira coleção de poemas de Stephenson, publicada por Jean Oswald, é intitulada *Uma flecha para o país em leilão* (*Une flèche pour le pays à l’encan*). Esse título exemplifica duas características da escrita de Stephenson. Uma, ligada à palavra “país”, sublinha uma literatura de pertencimento e a outra, veiculada pelo termo “leilão”, aponta para a expressividade combativa e provocativa do autor que não hesita em associar o seu território a uma mercadoria que estão liquidando.

Em *Uma flecha para o país em leilão*, o poeta de fato usa a linguagem como um dardo que ele atira em alvos

humanos; esses alvos tomam forma através dos ritmos e das palavras do poema, para se tornarem claramente visíveis aos olhos de um leitor tocado, por sua vez, pelo fogo deslumbrante que emana dessas palavras virulentas:

Mas é claro que eu conheço vocês
vilas de burgueses [...] bebezões
com vista para a esplanada.

Mais bien sûr je vous connais
villas de bourgeois [. . .] dodus
avec vue sur esplanade. (UFP 7)

Mais uma vez, o poeta desafia: no poema acima, intitulado *Prelúdio para um retorno* (*Prélude à un retour*), primeiro ele usa fórmulas orais curtas e diretas para estabelecer contato; esse “mas é claro que eu conheço vocês” parece saudar alguém. Depois, designando como sujeito “vilas”, quando na realidade são os habitantes a quem se dirige, escolhe uma palavra próxima de “vilão”, que exemplifica os novos ricos europeus: a vila. “Burgueses [...] bebezões” oferece, em seguida, um retorno de som consonantal semelhante em “b” e “d, d” [*dodus*], evocando o balbucio de bebês e sublinha a dimensão imatura da classe alvo. Imaturidade que se lê também através do crescimento demasiado rápido de todo um setor e de toda uma classe que, sem saber como, encontra-se socialmente “adulta” e se coloca acima dos agricultores, comerciantes e pequenos empresários. O verso seguinte “com vista para a esplanada” contrasta com a simplicidade do “mas claro” e sons de bebê, para adotar ironicamente uma fórmula turística “com vista” e uma palavra “esplanada”, cuja repetição vocálica em “ã” poderia evocar uma caricatura da linguagem castigada da burguesia francesa que tende a pronunciar o “ã” ousadamente transformando-o em “ã”. Esses jogos de linguagem continuam atendo-se às questões culturais da Guiana. Assim, esse *Prelúdio a um retorno* ecoa a negritude e seus textos fundadores, como o famoso *Caderno de um regresso ao país natal* (*Cahier d'un retour au pays natal*), de Césaire. Assim como o grupo *Légitime défense*, o poeta fala e afirma seu ser ao mundo e à linguagem; ele ridiculariza os imitadores guianenses do modelo francês e procura promover seu próprio uso

da linguagem, suas histórias, seus contos e sua cultura. Assim, ao final do poema, o “eu” se reagrupa e fala, dessa vez, de si mesmo, de seus desejos e do objeto de sua luta:

quando eu quiser
trovejar
o débottle e o lérole
quando eu quiser cantar
a felicidade em palavras crioulas
os tambores serão perfurados.

quand je voudrais faire

tonner
le débottle et le lérole
lorsque je voudrais chanter
le bonheur en mots créoles
les tambours seront crevés. (UFP 8)

Há um desejo de língua, de música (uma nota de rodapé informa ao leitor não informado que *le débottle e le lérole* são danças folclóricas), desejo tão forte, que se assemelha a um trovão, um trovão urânico, imediatamente seguido por um turbilhão de desilusões. Contrariamente à negritude que reclama suas raízes africanas perdidas, o poeta reivindica suas raízes *encobertas*, desde que conheceu sua “floresta de velhos contos”. Foi parte integrante de sua infância em sua casa na Guiana. O tempo de crescer, de se tornar adulto, de partir para estudar e, às vésperas de seu retorno, ele sabe que “os verdes bosques não estarão mais” (UFP 7) talvez substituídos por “jardins para metropolitanos” (UFP 8).

A maior parte das publicações de Stephenson apareceu nas décadas de 1970 a 1990, uma época de considerável agitação social na Guiana. À imagem das palavras do autor — também ativista do Movimento Nacional da Guiana (MNG) —, muitos guianenses não aceitavam mais a dominação externa. De fato, naquela época, a estação espacial de Kourou foi montada e contribuiu para a agitação socioeconômica mencionada acima. Além disso, esses foram os anos em que o famoso projeto “Plano Verde” levantou esperanças de um renascimento da produção econômica — notadamente na indústria de papel — antes de desmoronar lamentavel-

mente em total fracasso. Mais um para a Guiana, cujo passado já está carregado de fracassos: primeiro os da administração penitenciária, depois a bagunça da política agrícola colonial, sem falar na corrida do ouro fracassada e rapidamente escamoteada.

Após toda uma série de desencantos relativos à escala invasiva da política de departamentalização, mesmo um homem como Césaire — apesar de ser o promotor dessa política — viria a lançar uma fórmula que fala por si, a do “genocídio por substituição.” Stephenson protesta contra o abandono do trabalho na terra, que representava todo um modo de vida, logo substituído por uma mudança completa de atividades baseadas no modelo europeu. Dessa vez, ele se dirige à sua mãe, que poderia ser a Guiana antes de 1946:

eu me lembro de perder o coração
do calor dos fogos da mata
quando se assavam os miúdos
em meados de setembro meados de outubro
um fogo sagrado queimava minha cabeça
queimava meus olhos queimava meu
coração.

je me souviens à perdre coeur
de la chaleur des feux de brousse
quand on brûlait les abattis
à mi-septembre mi-octobre
un feu sacré brûlait ma tête
brûlait mes yeux brûlait mon
coeur. (UFP 10)

A imagem do “fogo sagrado” prolonga o simbolismo do fogo iluminador, um fogo próximo do saber, que efetivamente “queima na cabeça” e talvez até tome posse dessa cabeça. A boca ou a pena possuída parece então ser apenas a mediadora das palavras que o fogo sagrado lhe dita. O que brota do peito do autor é uma intensa revolta que vai além do indivíduo e se torna a voz do povo:

Se eu te escrevo esta noite
mamãe
é que minha ferida está em carne viva
e três séculos de castração
se debatem em meu peito

o longo martírio de nosso povo
o estupro cem vezes
renovado
do Direito de Viver e de ser Livre.

Si je t'écris ce soir
maman
c'est que ma blessure est à vif
et trois siècles de castration
se démentent dans ma poitrine
le long martyr de notre peuple
le viol cent fois
renouvelé
du Droit de Vivre et d'être Libre. (UFP 11)

Essa ferida é a do guerreiro; seu adversário é um monstro perverso, com três séculos de idade. Portanto, o “eu” aparece como um herói rebelde e vencido, diante de um inimigo que pertence a um outro reino, um outro mundo. Esse tipo de combate desigual não pode ser travado sem o ímpeto de um “outro” poder como o fogo sagrado. Às vezes, a voz de Stephenson assume acentos proféticos e responde ao chamado de uma força externa séria e imperiosa:

Mamãe
é preciso que eu me engaje
nos caminhos da
LIBERDADE
eu não serei mais forte
eu não serei mais fraco
um combatente entre tantos outros
cumprindo seu dever.

Maman
il faut que je m'engage
sur les chemins de
LA LIBERTÉ
je ne serai pas le plus fort
je ne serai pas le plus faible
un combattant parmi tant d'autres
accomplissant son devoir. (UFP 11)

Portanto, o “eu” responde a um imperativo deontológico: ele deve se engajar, sua decisão está clara. De novo, o fogo fulgurante se manifesta, acompanhado de um elemento de sabedoria que situa o herói entre os outros combatentes, o que atenua as declarações um

tanto grandiloquentes acima. No entanto, o tom continua inspirado e depois caminha para o trágico: “se a savana se inebria, é porque mãos irão me bater” (UFP 11).

O estilo do poema fulgurante se encontra em equilíbrio muito instável entre o golpe de gênio inesquecível e o peso lírico. Se alguns versos atingem o leitor com força, outros, pelo contrário, envelhecem bastante mal e deixam atrás de si um sabor de militância moralizadora.

Tendo o autor optado pela escrita engajada, fica claro que sua obra se apega muito à situação na qual se desenvolve; mas o tempo passa e com ele a estreita coincidência entre as palavras do poeta e o contexto em que o poema apareceu. Stephenson é o precioso testemunho de toda uma época guianense que parece ter escapado das letras francófonas. O futuro dirá se o fogo das suas palavras conseguirá forjar uma obra-prima duradoura deste “País de nada” tão querido de seu autor.

BIBLIOGRAFIA

- Bachelard, G. (1938). *La psychanalyse du feu*. Gallimard.
- Bachelard, G. (1988). *Fragments d'une poétique du feu*. PUF.
- Burton, R. (1995). *The French West Indies à l'heure de l'Europe. French and West Indian: Martinique, Guadeloupe, and French Guiana Today*. University Press of Virginia.
- Man Lam Fouck, S. (1992). *Histoire de la Guyane contemporaine 1940–1982: Les mutations économiques, sociales et politiques*. Editions Caribéennes.
- Man Lam Fouck, S. (1996). *Histoire générale de la Guyane française*. Ed. Ibis Rouge.
- Man Lam Fouck, S. (1998). *Lesclavage en Guyane française: entre l'occultation et la revendication*. Ibis Rouge, Presses Universitaires Créoles.
- Ndagano, B., Blérald-Ndagano, M. (1996). *Introduction à la littérature guyanaise*. CDDP Guyane.
- Rosello, M. (1992). *Littérature et identité créole aux Antilles*. Editions Karthala.
- Stephenson, E. (1975). *Une flèche pour le pays à l'encan*. P.J. Oswald.
- Stephenson, E. (1979). *Catacombes de Soleil*. Editions Caribéennes.

Stephenson, E. (1984). *Terres Mêlées*. Editions Akpagnon.

Stephenson, E. (1988). *Comme des gouttes de sang*. Présence Africaine.

Stephenson, E. (1996). *La nouvelle légende de D'Chimbo suivie de Massak*. Ibis Rouge.

NOTAS

- 1 *Domien* corresponde àquele que nasce em um DOM.
- 2 Em particular, o Gabinete para o Desenvolvimento das Migrações dos DOMs (BUMIDOM).
- 3 Referências posteriores a essas duas partes serão indicadas no texto entre parênteses e abreviadas: *LNL* e *MK*.
- 4 O tom e o contexto das citações seguintes sem dúvida evocarão, no leitor informado, a abertura do famoso *Cahier d'un retour au pays natal*, de Césaire. O objetivo deste artigo não é estabelecer detalhadamente a filiação literária, mas apenas apontá-la. Com isso em mente, deve-se notar também que, na Guiana, Stephenson às vezes é percebido como o “herdeiro” literário de seu ilustre compatriota Léon Gontran Damas.
- 5 Referências subsequentes a esta obra serão indicadas entre parênteses no texto e abreviadas: *TM*.
- 6 A linguagem cotidiana dá uma conotação pejorativa aos substantivos “assistido” e “assistência”. Essas duas palavras evocam a irresponsabilidade cívica na medida em que o indivíduo se deixa dominar pela comunidade em vez de nela participar ou se envolver. Para Stephenson, não se trata de desempregados, mas de guianenses que abriam mão de suas terras ou de seus negócios para se tornarem funcionários públicos (setor terciário). Na perspectiva do autor, essa mudança de status equivale a um desengajamento sociopolítico.
- 7 Outras referências a esta obra serão indicadas no texto entre parênteses e abreviadas: *CDGS*.

A AUTORA

Isabelle Favre

É especialista em literatura e cinema franceses e francófonos dos séculos XX e XXI. Atualmente, é professora na University of Nevada, Estados Unidos, no departamento de World Languages and Literatures. Favre também é autora de *La différence francophone* (2001), *De la Guyane à la diaspora africaine: écrits du silence* (2002), em colaboração com Flo Martin, e *Guerre et paix: Figures du conflit dans les littératures et films francophones* (2018). Em sua pesquisa e ensino, Favre enfatiza como a discussão e a análise das várias situações e personagens representados na literatura e no cinema têm uma função importante em nossa sociedade, especialmente em tempos complexos como o nosso. Ela também busca expor a interseção entre literatura/filme e outros campos das ciências humanas, como filosofia, psicologia, sociologia, artes e outros. E-mail: favre@unr.edu